

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
PRÓ-REITORA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LIBRAS - EAD**

CLÁUDIA FIRMINO PEREIRA

A RELAÇÃO DO PROFESSOR COM ALUNO SURDO NO AMBIENTE ESCOLAR

**PATOS- PB
2021**

CLÁUDIA FIRMINO PEREIRA

A RELAÇÃO DO PROFESSOR COM ALUNO SURDO NO AMBIENTE ESCOLAR

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EAD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus* Patos, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

Orientador (a): Profa. Ms. Ielba Valeska de Farias Sousa

**PATOS – PB
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CAMPUS PATOS/IFPB

P436r Pereira, Cláudia Firmino

A relação do professor com aluno surdo no ambiente escolar/ Cláudia Firmino Pereira. - Patos, 2021.

19 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras - EAD) - Instituto Federal da Paraíba, 2021.

Orientadora: Profa. Ms. Ielba Valeska de Farias Sousa

1. Ensino-aprendizagem 2. Professor 3. Alunos surdos 4. Afetividade I. Título.

CDU – 376

CLÁUDIA FIRMINO PEREIRA

A RELAÇÃO DO PROFESSOR COM ALUNO SURDO NO AMBIENTE ESCOLAR

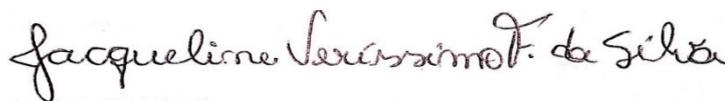
Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EAD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus* Patos, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

APROVADO EM: 11/05/2021

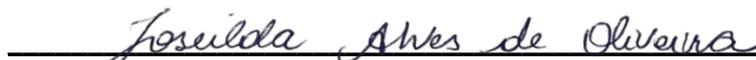
BANCA EXAMINADORA



Profa. M.Sc. Ielba Valeska de Farias Sousa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba



Profa. Esp. Jacqueline Veríssimo Ferreira da Silva - Examinadora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba



Profa. Dra. Joseilda Alves de Oliveira - Examinadora
SEDUC-Malta-PB

AGRADECIMENTOS

A Deus, que na sua infinita bondade, me fez persistir para conseguir uma formação superior, um sentido para minha vida profissional.

Aos meus pais Manoel Firmino e Maria do Socorro pelo incentivo, força e dedicação durante tantos anos.

A minha irmã Conceição Firmino pelo apoio em cuidar dos meus amáveis filhos Vitor Marx e Heitor Marx, no momento da minha enfermidade para que eu continuasse a estudar.

Aos meus filhos Vitor Marx e Heitor Marx que me fez perceber que a vida é muito além do que meus olhos podiam enxergar.

A nossa admirável coordenadora Ana Zulema, criadora desse riquíssimo projeto de especialização em Libras pelo IFPB.

Ao corpo docente da instituição que contribuíram diretamente para a qualificação de novos profissionais.

Aos colegas que durante todo esse percurso tornou-se amizades verdadeira. E, por fim, a Prof^ª. Ms. Ielba Valeska de Farias Sousa por todo apoio, dedicação e paciência para realização deste trabalho.

RESUMO

Como convite ao educador, da sala de aula regular, para refletir sobre suas práticas pedagógicas com o educando com surdez, este artigo investiga a importância da relação professor ouvinte e aluno surdo no processo de ensino e aprendizagem na sala de aula. Para dar conta da pesquisa objetivada recorreremos a Lacerda (2006) e Perlin (2003), Vygotsky (1988), dentre outros que tratam da Libras como língua natural do surdo. Para a realização desse estudo, foi feito um levantamento bibliográfico utilizando como recurso a base de dados do eduCAPES, e a partir disso, foram selecionados três artigos para compor nosso Corpus, dos quais foram recortados, um excerto de cada artigo para análise. Nossa análise se caracteriza como interpretativa com abordagem qualitativa e, a partir dos resultados apontados nas análises, foi possível constatar que a relação afetiva entre professor ouvinte e aluno surdo é necessária no processo de ensino e aprendizagem, e que, quando há a afetividade nessa interação, ela pode ser motivadora e favorecer uma aprendizagem de forma natural e divertida.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem. Professor. Alunos surdos. Afetividade

ABSTRACT

As an invitation to regular classroom educators to reflect on their pedagogical practices with deaf students, this article investigates the importance of the relationship between hearing teachers and deaf students, in the process of teaching and learning in the classroom. In order to account for the objective research, we resorted to Lacerda (2006) and Perlin (2003), Vygotsky (1988), among others who deal with Libras as a natural language for the deaf. To carry out this study, a bibliographic survey was carried out using the eduCAPES database as a resource, and from this, three articles were selected to compose our Corpus, from which an excerpt of each article was cut out for analysis. Our analysis is characterized as interpretive with a qualitative approach and, based on the results pointed out in the analyses, it was possible to verify that the affective relationship between hearing teacher and deaf student is necessary in the teaching and learning process, and that, when there is affectivity in this interaction, it can be motivating and encourage learning in a natural and fun way.

Keywords: Teaching-Learning. Teacher. Deaf students. Affectivity

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A EDUCAÇÃO DO ALUNO SURDO: DIÁLOGO INTRODUTÓRIO SOBRE LEGISLAÇÃO E FUNCIONAMENTO	9
2.1 DIÁLOGO SOBRE O FUNCIONAMENTO	10
3 A RELAÇÃO PROFESSOR OUVINTE/ALUNO SURDO	12
4 METODOLOGIA.....	15
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	16
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

Durante um longo tempo as classes dominantes classificavam os seres humanos de acordo com sua realidade de vida entre brancos e pretos, ricos e pobres, normais e anormais, porém, com os sujeitos surdos não era diferente, tanto os surdos como os demais deficientes eram vistos como uma maldição, em consonância com essa afirmação Veríssimo e Marques (Prelo, 2020, p.4) diz que “os indivíduos que possuíssem limitações físicas, distúrbios mentais, limitações auditivas, visuais, eram taxados de aberrações, de seres endemoniados, sendo assim, não lhes era permitido o direito à vida”. Esses autores fazem-nos refletir sobre uma dura realidade que é enfrentar os desafios de uma sociedade preconceituosa e majoritária de ouvintes, onde o vínculo comunicacional é através do som e da fala, o que diferencia do mundo totalmente visual da pessoa surda, onde o som não existe. Sendo assim, um grande desafio a ser quebrado em sala de aula pela exclusão desses alunos surdos.

A relevância do tema consiste em mostrar a realidade dos surdos de estarem incluídos no ensino regular e enfrentarem muitas dificuldades que impedem a sua aprendizagem por falta da interação do professor ouvinte, principalmente no que se refere à aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais com relação à leitura e escrita.

Diante do exposto, o objetivo principal desse artigo é analisar a relação professor ouvinte e aluno surdo na sala de aula de ensino regular e como essa relação pode contribuir no processo ensino-aprendizagem evidenciando a Libras como elo de inclusão entre surdos e ouvintes. Já os específicos buscam: Discutir o processo da interação professor e aluno e os benefícios que essa interação traz para a socialização do estudante surdo no ambiente escolar; Enfatizar a importância de trabalhar a diversidade e inclusão do aluno surdo na sala de aula regular e Evidenciar a Libras como elo de inclusão, facilitando a comunicação entre surdos e ouvintes tornando a convivência do surdo no espaço escolar agradável e prazerosa.

Para a realização deste trabalho, foi desenvolvida, uma pesquisa bibliográfica mediante a apreciação de materiais publicados em várias fontes como: Google, livros, artigos científicos, sites, vídeos, revistas, teses e nos documentos legais da inclusão. Os procedimentos metodológicos foram por meio do desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa, a qual foi realizada estudos em vários documentos escritos, livros de diferentes autores e em discussões de teóricos, a fim de construir um material teórico levando em consideração a ideia criada por esses autores e seus diferentes conceitos sobre o tema que aborda essa temática.

A escolha do tema surgiu da curiosidade de como se dá a relação professor ouvinte e aluno com deficiência auditiva, no processo de ensino aprendizagem? A escola tem se adequadado o bastante para lidar com as constantes mudanças que vivenciamos na atual sociedade? Como é o desenvolvimento do ensino de Libras no ambiente escolar? A ideia da pesquisa surgiu depois de uma emocionante apresentação em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) realizada no dia das mães no ano de 2016, a qual meu filho participou junto com sua professora e colegas de classe, sensibilizou a maneira como alguns deles se entendiam e se comunicavam pelos sinais mesmo depois da apresentação, enquanto que outros alunos só observavam sem ter conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, partindo assim a origem do tema.

Diante desse fato a razão da pesquisa pra mim se deu do interesse pessoal em interagir com o surdo, como sendo profissional da educação senti a necessidade de aprender LIBRAS, e tudo começou em 2017 quando fiz minha inscrição para o “Curso de Libras em Contexto” ministrado na Instituição Fundação de Apoio ao Deficiente (FUNAD) pela equipe do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS) na cidade de João Pessoa-PB com duração de dois anos. Onde fiz amizades com pessoas com deficiência auditiva e adquiri afinidade com a língua. Daí, passei a ter um olhar de empatia, comprometimento e responsabilidade em trabalhar na área educacional numa perspectiva de respeito às diferenças, tendo a preocupação em me qualificar cada vez mais.

Perante o exposto apresento, através dos Marcos Legais da Educação Inclusiva e das políticas educacionais, comprometimento que visa romper com uma trajetória de exclusão dos deficientes auditivos, garantindo a igualdade dos direitos das pessoas com surdez, do acesso e permanência na escola, disponibilizando capacitações e formações para os professores num propósito de uma educação bilíngue no ensino regular para o alunado surdo, tendo a Libras a língua oficial do surdo (L1) e o Português como segunda língua (L2).

O artigo mostra a importância da relação do professor com alunado surdo no ambiente escolar, sendo essa relação de afetividade o elemento fundamental na valorização identitária do surdo, por meio da sua língua materna, garantindo sua inclusão social numa educação bilíngue de qualidade e igualdade para todos. Possibilitando aos surdos sua cidadania no respeito às diferenças, considerando a especificidade em prol da transformação social por um mundo acessível.

Teoricamente o trabalho está fundamentado nas ideias Vygotsky (1988), Perlin (2003), Gesueli e Moura (2006), Franco (2013), Januário (2013) e de outros autores citados no corpo deste artigo, como também, nos Marcos Legais da Educação Inclusiva e das políticas

educacionais e Leis como: a Declaração de Salamanca (1994), a Lei Brasileira de Inclusão - LBI 13.146/15, a Lei de LIBRAS Nº 10.436/02 e na Constituição Federal de 1988.

O trabalho encontra-se organizado em seis tópicos. Esse introdutório que apresenta os objetivos de pesquisa, bases teóricas, percurso metodológico e a organização do artigo. O segundo aborda a Educação do Aluno Surdo: diálogo introdutório sobre legislação e funcionamento. O terceiro discute sobre os fazeres e responsabilidade na relação Professor Ouvinte/Aluno Surdo. O quarto conclui mostrando a importância da LIBRAS e sua contribuição no ensino aprendizagem para a formação da identidade linguística e cultural do aluno surdo. O quinto norteia os procedimentos desenvolvidos na pesquisa qualitativa. O sexto traz as análises e discussões e o sétimo as considerações finais abordadas no trabalho. Por fim, apresentamos as referências que deram suporte às discussões.

2 A EDUCAÇÃO DO ALUNO SURDO: DIÁLOGO INTRODUTÓRIO SOBRE LEGISLAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Neste tópico iremos enfatizar a importância de trabalhar a diversidade e inclusão do aluno surdo na sala de aula de ensino regular. A inclusão teve início na década de 90 através de uma resolução da Conferência Mundial sobre necessidades Especiais realizada em 7 e 10 de junho de 1994 na cidade de Salamanca, na Espanha, criada para promover os direitos humanos e segurança que trata dos princípios políticos e práticos na área das Necessidades Educativas Especiais denominada “Declaração de Salamanca” documento que é considerado mundialmente, um dos mais importantes documentos que visam a inclusão social.

De acordo com as propostas previstas na Declaração de Salamanca (1994), a educação seria ofertada para todos, no sentido de atender às demandas e necessidades de cada educando. Como pode ser observado a seguir, no texto que constitui alguns princípios do documento:

Independente das diferenças individuais, a educação é direito de todos; Toda criança que possui dificuldade de aprendizagem pode ser considerada com necessidades educativas especiais; A escola deve adaptar-se às especificidades dos alunos, e não os alunos as especificidades da escola; O ensino deve ser diversificado e realizado num espaço comum a todas as crianças. (Declaração de Salamanca, 1994).

A Declaração de Salamanca resultou numa tendência mundial, que influenciou na educação dos surdos do mundo inteiro, contribuindo nas políticas educacionais brasileiras, com ações inovadoras e significativas consolidando numa proposta educacional inclusiva, no

ensino de qualidade, tendo como proposta de aplicação à adaptação escolar com mudanças de paradigmas educacionais em prol do respeito às diferenças de grupos sociais, culturais e linguísticos, sendo palco essencial na construção de uma escola inclusiva. Em consonância com esse tópico Sasaki comenta:

Uma escola comum só se torna inclusiva depois que se reestruturou para atender à diversidade do novo alunado em termos de necessidades especiais (não só as decorrentes de deficiência física, mental, visual, auditiva ou múltipla, como também aquelas resultantes de outras condições atípicas), em termos de estilos e habilidades de aprendizagem dos alunos e em todos os outros requisitos do princípio da inclusão, conforme estabelecido no documento, A Declaração de Salamanca e o Plano de Ação para Educação de Necessidades Especiais. (SASSAKI, 2004, p.2)

Nessa perspectiva de ensino de qualidade para todos, e ainda, num mesmo contexto, em salas regulares, sem negar as dificuldades e as diferenças dos sujeitos, e se preocupando com uma proposta de aplicação à adaptação escolar diante dessa diversidade, compreendemos, juntamente com Sasaki (2004, p.2) que se iniciou uma esperança de novas práticas educacionais mencionando que “o conceito de acessibilidade deve ser incorporado aos conteúdos programáticos ou curriculares de todos os cursos formais e não formais existentes”. Para ele, “a acessibilidade não mais se restringe ao espaço físico, ou seja, à dimensão arquitetônica”. Vemos, portanto, que a escola deve-se adaptar-se completamente, a fim de valorizar não apenas o currículo e o espaço físico, mas também os aspectos cognitivos dos surdos como o afeto, as emoções, a solidariedade, para que se estabeleçam laços de fraternidade, através dos quais os alunos se espelham no professor como fonte de inspiração, contribuindo assim para formação de uma sociedade justa e igualitária.

2.1 DIÁLOGO SOBRE O FUNCIONAMENTO

Trabalhar com a educação sempre exigiu dos profissionais uma postura de comprometimento em buscar novos caminhos para atender as inúmeras exigências do atual mundo contemporâneo, evidenciando a Libras como elo de inclusão, facilitando a comunicação entre surdos e ouvintes tornando a convivência do surdo no espaço escolar agradável e prazerosa, rompendo alguns panoramas que marcaram as políticas educativas em prol dos direitos das pessoas com surdez frequentar e usufruir do ensino/aprendizagem no ambiente escolar, o que de acordo com Duboc (2004, p. 121) “o aluno surdo não pode ter sua identidade surda explícita a partir de um padrão universal, mas sim como formas plurais, dinâmicas, formadas e transformadas continuamente através das quais são representadas nos diferentes espaços sociais”.

Embora no seu Art.1º, parágrafo único a Lei Nº 10.436/2002 discorra que a Libras se constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil, na prática, ainda vivenciamos a ausência desse reconhecimento/funcionamento, sobre tudo , na educação.

Esse novo cenário, apontado por essas legislações e elaborações de políticas públicas educacionais proporciona reflexões e mudanças em prol do respeito às diferenças de grupos sociais, culturais e linguísticos, sendo palco essencial na construção de uma escola inclusiva. E nesse novo modo de pensar a educação cabe destacar a importância da formação continuada, a valorização da língua natural do surdo, da elaboração de currículos que respeitem a cultura e a identidade do povo surdo e, ainda, a importância da relação professor ouvinte e aluno surdo.

De acordo com Miranda; Figueiredo; Lobato (2016, p. 29) a “Libras deve ser priorizada em todo e qualquer espaço educativo, pois a Libras deve servir de base à apreensão de conhecimentos”, segundo os autores fica evidente a importância do domínio de Libras no processo de ensino aprendizagem por parte de todos da comunidade escolar, sendo eixo fundamental para a interação dos alunos surdos envolvendo professores, pais, interpretes e os demais alunos ouvintes, numa proposta educativa com ações educacionais voltadas para práticas inclusivas.

Para Rodrigues (2006, p.111), “A escola não se torna inclusiva ou democrática apenas porque amplia o acesso ou porque matricula alunos com deficiências em classes comuns”, independente da diversidade e das diferenças e dificuldades de cada estudante, a escola tem responsabilidade na construção da socialização do surdo como membro funcional representante da sua identidade na comunidade surda para o exercício da sua cidadania. É justamente essa funcionalidade que a escola precisa fazer acontecer, pois, mesmo considerando os avanços já ocorridos, temos uma trajetória de lutas e de conquistas a seguir, buscar.

Para Perlin (2004; p.77-78), por exemplo, “as identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas se moldam de acordo com maior ou menor representatividade cultural assumida pelo sujeito”, portanto as identidades surdas são formadas por suas experiências culturais compartilhadas e características peculiar em sua comunicação visual-espacial, e esses elementos culturais, na maioria das vezes, não são considerados no currículo da escola ou na fala do professor em sala de aula. Nesse ínterim, é possível percebermos, que algumas práticas pedagógicas permanecem presas a conceitos excludentes, arraigados a preconceitos e estereótipos ultrapassados.

3 A RELAÇÃO PROFESSOR OUVINTE/ALUNO SURDO

Pensar a relação professor e aluno, de modo geral, nos permite olhar com mais amorosidade para os sujeitos envolvidos na cena educativa (OLIVEIRA; SILVA; BESSA, 2020) e, conseqüentemente, refletir sobre nossas práticas e nossos relacionamentos em sala de aula para com nossos alunos.

Pensar essa relação envolvendo sujeitos que têm como forma de expressão línguas diferentes, nesse caso, professor ouvinte e aluno surdo, nos instiga para além da forma amorosa de se colocar na escuta e nos possibilita vivenciar de forma mais efetiva uma experiência de construção de conhecimentos que perpassa pelo aspecto linguístico, pela capacidade de se colocar no lugar do outro, pela amorosidade e pela responsabilidade enquanto profissional que potencializa a aprendizagem do educando com surdez.

O processo da interação entre professor e aluno surdo, na sala de aula de ensino regular, é de suma importância, por trazer benefícios relevantes para o estudante surdo no ambiente de ensino, já que a interação afetiva entre os sujeitos contribui para socialização e aprendizagem resultando no sucesso escolar para o surdo. Sobre essa afirmação, Franco (2016, p.1) enfatiza que “... para a transmissão do conhecimento é necessário um envolvimento interativo entre professor e aluno. Pois para haver essa troca é preciso socialização, comunhão e afeto entre um e outro”. Com essa fala de Franco constatamos que, a afetividade estimula a elevação da autoestima do aluno surdo favorecendo o desenvolvimento de sua aprendizagem de forma significativa, proporcionada através da intervenção e do olhar de empatia do professor.

Nesse contexto, para essa aprendizagem e inclusão acontecer, os profissionais da educação devem ter empatia diante das peculiaridades dos alunos com surdez e buscar aperfeiçoamento em suas áreas de atuação para o atendimento desta demanda, visto que a inclusão de pessoas surdas no ambiente escolar ainda é um processo dissociado do ensinar e do aprender, apesar de que o aluno com deficiência no âmbito escolar ao longo de sua jornada, vem conquistando espaço, quebrando tabus e tendo seus direitos educacionais garantidos.

É bom ressaltar que a trajetória da educação inclusiva passou por quatro fases, momentos esses que não havia empatia com os deficientes auditivos, nem tão pouco preocupação com a relação do professor com os surdos. Essa trajetória foi marcada pelas políticas educativas no Brasil, sendo elas: A primeira fase da *Exclusão*, onde pessoas atípicas eram totalmente excluídas, não recebiam nenhuma atenção educacional e eram consideradas aberrações ou endemoniadas. A segunda fase da *Segregação* havia uma separação dos sujeitos ditos

“normais” com os sujeitos ditos “anormais”, nessa fase a sociedade começou a admitir que pessoas com deficiências poderiam ser produtivas e fossem escolarizadas, porém, elas eram alfabetizadas isoladas da sua comunidade e longe de seus familiares . Já a terceira fase foi a da *Integração escolar* dos sujeitos ditos como “anormais” em ter acesso à escola, porém os alunos eram obrigados a se adaptar ao currículo e a grade escolar. Somente na quarta fase houve um momento crucial na valorização da Identidade Surda e adaptação do ambiente escolar com relação às necessidades do aluno com deficiência no âmbito educacional inclusivo para todos. Em consonância com esse parágrafo pode-se afirmar:

O breve contexto sobre o atendimento aos educandos com necessidades especiais, nos leva a perceber que o período que antecede o século XX é marcado por atitudes sociais de exclusão educacional, visto que os alunos deficientes eram discriminados, a deficiência era vista pela sociedade como limitações, que tornava-os incapazes e até indignos de receber uma educação escolar, ainda que estudos científicos da época demonstrassem que havia possibilidades e potencial desses sujeitos frequentarem o espaço escolar desde que suas particularidades fossem consideradas, mas o preconceito predominante na sociedade impedia essa nova visão.(PORTAL EDUCAÇÃO)

De acordo com essa abordagem nos certificamos que no início da trajetória da Educação inclusiva, os surdos eram desprovidos de empatia por parte da sociedade e somente após o olhar de afetividade do educador francês, Charles Michel de L’Epée conhecido como o Pai dos surdos, que defendeu o uso da língua de sinais na aprendizagem a fim de proporcionar ao surdo meios para sua socialização é que foram surgindo discussões e sucessivas lutas pela inclusão de pessoas surdas. A educação inclusiva possibilitou que todos os estudantes com necessidades educativas especiais e com deficiências frequentassem as escolas comuns da rede pública e privada de ensino, interagindo com os demais estudantes sem deficiência, fortalecendo assim a necessidade da relação do professor com o estudante surdo como meio de motivação e valorização do aprendizado por esse alunado. Diante disso a Declaração de Salamanca em seu documento enfatiza educação para todos, garante:

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes e nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA p. 17 – 18)

Portanto, a Declaração de Salamanca assegura que a escola é o lugar que garante direito a quaisquer crianças, independente de suas dificuldades ou diferenças.

Atualmente um dos maiores desafios da educação inclusiva não é só a inclusão do aluno com deficiência na sala de aula, há também a preocupação com a relação da afetividade como meio de favorecer a aprendizagem do surdo, pois só porque ele frequenta a escola não quer

dizer que o mesmo esteja incluído, sobre isso Franco (2016, p.8) diz: “para que haja a integralização do estudante surdo faz-se necessário a adaptação entre todos inseridos no processo de ensino-aprendizagem. O que significa que o processo deve ser recíproco, permitindo aos surdos ter acesso a uma educação de qualidade”, enfim, pode-se assegurar que a inclusão do aluno surdo vai além de uma vaga na escola e de materiais pedagógicos adaptados, é essencial a relação professores ouvintes e alunos surdos para comunicação de ambos, sendo essa comunicação derivada dessa relação, a ponte que liga o aluno com surdez a conquista de uma educação inclusiva.

Segundo a LBI, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, de nº13.146 de 6 de julho de 2015 garante a todas as pessoas deficientes autonomia e capacidade de exercerem atividades da vida civil, em condições de igualdade com outros indivíduos na sociedade, consolidando essa afirmação em seu Art. 1º a LBI (Estatuto da Pessoa com Deficiência), foi destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. Quebrando quaisquer barreiras de exclusão, onde no Capítulo IV “Direito à educação”, assegura que a escola deve se adequar com a finalidade de atender as necessidades do estudante surdo, sendo preciso enxergar o surdo não como deficiente e incapaz, mas como um ser diferente capaz de ser inserido com sua identidade linguística e cultural. Reforçando sobre o que diz a LBI sobre inclusão, Lacerda (2006) diz que inclusão escolar é:

A inclusão escolar é vista como um processo dinâmico e gradual, que pode tomar formas diversas a depender das necessidades dos alunos, já que se pressupõe que essa integração/inclusão possibilite, por exemplo, a construção de processos linguísticos adequados, de aprendizado de conteúdos acadêmicos e de uso social da leitura e da escrita, sendo o professor responsável por mediar e incentivar a construção do conhecimento através da interação com ele e com os colegas. (LACERDA, 2006, p. 29)

Os professores são constantemente desafiados a inovar em seu processo de ensino aprendizagem numa educação bilíngue, sendo notória a influência dos profissionais da educação no novo método da escola inclusiva, em trabalhar com práticas pedagógicas diversificadas, prevalecendo à interação afetuosa e o respeito às diferenças sendo essencial para o desenvolvimento e a cidadania dos alunos surdos que veio conquistando seu espaço na sociedade.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa bibliográfica foi desenvolvida através de materiais publicados em várias fontes como: Google, livros, artigos científicos, sites da eduCAPES, revistas, monografias, teses e analisa o posicionamento expresso em três artigos publicados sobre a temática e coletados para análise no período que corresponde de dezembro de 2020 a janeiro de 2021, na plataforma eduCAPES, usando-se como indexadores as palavras: “relação entre professor ouvinte e aluno surdo”, “a importância da afetividade na aprendizagem”, “a afetividade no ensino e aprendizagem”. O objetivo da pesquisa foi analisar a importância da relação professor ouvinte e aluno surdo no processo de ensino e aprendizagem na sala de aula. Ratifico que, ao realizar a leituras dos textos, foram selecionados um artigo publicado em 2006 e dois publicados em 2013. A escolha por esses textos se deu por compreender que estes correspondiam melhor a nossa proposta de investigação. Para melhor visualização das temáticas dos textos selecionados segue um quadro representando os artigos que serviram como corpus da nossa pesquisa.

Quadro 01- Representação dos artigos que serviram como corpus da pesquisa

Título do artigo	Ano de publicação	Autor/es
A Visualização das Palavras	2006	Gesueli e Moura
O Afeto na Educação de Adolescentes Surdos: A Relevância da Interação Docente-Estudante no Espaço Escolar	2013	Franco
A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno para o Desenvolvimento da Aprendizagem	2013	Januário

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Para melhor compreensão do processo de procedimento de análise os textos foram codificados seguindo a ordem que se apresentam no quadro acima. Portanto para o texto de Gesueli e Moura usaremos o código T1, para o de Franco T2 e para o de Januário T3. Para cada código do texto acrescentaremos a letra E e, o número referente a quantidade de excerto recortado do artigo. Assim, teremos (T1E1) para o texto de número 1 e o primeiro excerto retirado do texto, (T2E1), para o segundo texto e o número de excerto retirado do texto e assim por diante.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A análise em questão se dá a partir de recortes de três artigos, que são: “Letramento e Surdez: A Visualização das Palavras”, por Gesueli e Moura (2006); “O Afeto na Educação de Adolescentes Surdos: A Relevância da Interação Docente-Estudante no Espaço Escolar” por Franco (2013) e a “A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno para o Desenvolvimento da Aprendizagem” por Januário (2013). A partir daqui, aos textos, que servem como Corpus da pesquisa, serão identificados pelos códigos já apresentados na metodologia. Nossa análise está com foco nos posicionamentos sobre a importância da relação afetiva entre professor ouvinte e aluno surdo para o processo de aprendizagem. Dadas as instruções, passamos para nosso primeiro excerto para análise.

(T1E01)

Este software possibilita o uso integrado e significativo de recursos sonoros (onomatopéias, vozes) e recursos visuais (escrita, balões, cenários, personagens) em sua produção. Ambos permitem ao sujeito trabalhar ativamente com a língua na produção e interpretação de sentidos, supondo sempre um possível interlocutor para o seu texto, lugar muitas vezes ocupado pelo próprio autor no processo de elaboração. (GESUELI E MOURA, 2006, P.112)

Nesse primeiro texto, as autoras Gesueli e Moura (2006), apresentam recursos tecnológicos como possibilidades de aproximação entre o professor ouvinte e o aluno surdo. Compreendemos, nesse excerto, que as autoras colocam esse novo olhar sobre o processo de letramento de alunos surdos e sobre a noção de texto, enfatizando a importância do aspecto visual da leitura-escrita como um fator constitutivo também da relação entre os sujeitos professor/aluno e, necessário no processo de aprendizagem.

As autoras demonstram empatia e apresentam as tecnologias assistivas, através do software HagáQuê, como meio concreto de alfabetizar com ações inovadoras e significativas as quais possibilitam a facilidade de expressão e comunicação dos surdos. Dessa forma, pode-se perceber a sensibilidade das autoras em pensar uma forma de facilitar a comunicação e a socialização através das TICs não só no ambiente escolar mas também na vida social do aluno surdo, ...“nosso objetivo estava voltado para a elaboração da linguagem escrita em momentos de interação com TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), com os colegas e com professores surdos e ouvintes”, Gesueli e Moura, 2016, p.113.

(T2E02)

O estudante adolescente surdo necessita do afago, do aconchego e do carinho que a relação com o professor pode-lhes proporcionar na aprendizagem e na relação com as pessoas ouvintes. Desta forma, o afeto é uma ferramenta necessária no ato de educar, sendo que a forma mais sublime é através do cuidado. (FRANCO, 2016 p. 251)

No texto 2, o autor traz claramente a preocupação com a relação de interação entre professor e aluno, nos levando a compreender que é de suma importância que nesse processo de aprendizagem a afetividade pode ser uma grande aliada, visto que compreendemos que esta também pode funcionar como um fator motivador para participação nas aulas e, conseqüentemente, na aprendizagem.

O excerto destacado apresenta o afeto como instrumento crucial na relação professor e aluno surdo não só em ambiente escolar como também na vida desses educandos na sociedade. Percebe-se, portanto, que ao proporcionar ao estudante surdo um espaço interativo que possibilite a troca de experiências com o ouvinte, a relação de empatia vai sendo construída e trabalhada como motivadora para a aprendizagem.

Quando se trata dessa afetividade entre o professor ouvinte e o aluno surdo, torna-se imprescindível essa construção, para que o professor possa desenvolver uma relação de confiança com seus alunos, despertando neles o prazer de aprender, superando seus anseios e eliminando as barreiras impostas pela exclusão dos ouvintes.

(T3E03)

...embora haja diferenças intelectuais que influenciam e acarretam diferenças no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, bem como as especificidades intrínsecas de cada ser humano, existe também uma igualdade que é comum a todos, isto é para que ocorra o desenvolvimento das estruturas biológicas, psicológicas e sociais se faz necessário a relação afetiva entre professor e aluno. É importante destacar que durante este processo de interação e afetividade, houve a participação e a colaboração de toda a equipe multifuncional da escola, bem como a colaboração dos agentes educacionais. (JANUÁRIO 2013, p.32)

Diante do exposto, percebemos que a autora tem um olhar de empatia para com seu aluno de como ele está incluindo no ambiente escolar e que considera a relação professor e aluno como fundamental para todo o desenvolvimento do indivíduo educando.

Ainda na fala expressa no excerto, podemos observar que essa importância atribuída a relação interativa e afetiva entre os sujeito professor e aluno, não são substanciais apenas para a aprendizagem educacional, mas para o desenvolvimento psicológico e social do educando.

Diante do que foi apresentado sobre a importância da afetividade, percebemos que o texto enfatiza a importância da afetividade e do envolvimento de toda comunidade escolar e família para que haja o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. E, que a fala destacada defende que essa interação afetiva na relação docente-estudante além de funcionar como uma estratégica pedagógica, aproxima todos os envolvidos de forma respeitosa contribuindo positivamente para o aprendizado dos alunos surdos e para a relação de todo corpo escolar. Foi possível constatar que a relação afetiva entre professor ouvinte e aluno surdo é necessária no processo de ensino e aprendizagem, e que, quando há a afetividade nessa interação, ela pode ser motivadora e favorecer uma aprendizagem de forma natural e prazerosa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo investigar a importância da relação professor ouvinte e aluno surdo no processo de ensino e aprendizagem na sala de aula. A pesquisa se caracterizou bibliográfica, qualitativa com abordagem interpretativa.

Diante de tudo que foi estudado o desenvolvimento do presente trabalho possibilitou analisar a relação professor ouvinte e aluno surdo na sala de aula, e, a partir dos resultados apontados nas análises, foi possível constatar que a relação afetiva entre professor surdo e aluno ouvinte é necessária no processo de ensino e aprendizagem, e que, quando há a afetividade nessa interação, ela pode ser motivadora e favorecer uma aprendizagem de forma natural e divertida.

Foi possível entender ainda, que a contribuição da relação afetiva entre os sujeitos pode motivar o educando e leva-lo a desenvolver melhor interação social também fora da escola.

As análises apontaram que um olhar de empatia pode construir um laço de confiança entre os sujeitos e funcionar como um elo no processo de ensino/aprendizagem tanto na relação professor e aluno surdo quanto de aluno surdo com toda comunidade escolar, e ainda, elevar a autoestima do aluno e proporcionar o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa.

Concluimos, através dos estudos e discussões apresentadas nesse trabalho que a afetividade, surgido da relação professor ouvinte e aluno surdo, contribui para a elevação da

autoestima e para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa proporcionada através da intervenção e do olhar de empatia do professor, aprendizagem essa, que é vantajosa para todos os alunos, surdos e ouvintes, pois eles aprendem na prática a conviver e respeitar as diferenças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: 0/05/20 <https://www.libras.com.br/decreto-5626-de-2005> Você visitou esta página 2 vezes. Última visita: 12 maio 2020

Art. 205 - CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO... Disponível em:https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.asp Acesso em: 06 junho 2020

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº9394/96-24 de dez. 1996.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; DA SILVA, Roberto. Metodologia Científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007

Conheça Quais São os Direitos dos Surdos no Brasil/ Portal e-Diário Oficial - <https://e-diariooficial.com/direitos-das-pessoas-surdas/>

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

____.Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº9394. Brasília: MEC/SEE,1996.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA – EDUCA BRASIL. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/declaracao-de-salamanca/> Acesso em: 05 maio 2020.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA - PORTAL DO MEC. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uepg_edespecial_artigo_ana_claudia_betim.pdf Acesso em: 07/05/2020.

EVANS, P. Algumas implicações da obra de Vygotsky na educação especial. In: DANIELS, H.(org.).Vygotsky efn foco: pressupostos e desdobramentos. 2. Ed. Campinas: Papirus, 1989, p.43

GARCIA, Francisco Luiz. Introdução crítica ao conhecimento. Campinas-SP: Papirus, 1988.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LACERDA, C. B. F. O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvintes: problematizando a questão. In: Surdez: processos educativos e subjetividade. São Paulo: Lovise, 2000.

MIRANDA, Ana Patrícia e Silva de; FIGUEIREDO, Daiane Pinheiro; LOBATO, Huber Kline Guedes. A TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E ENSINOAPRENDIZAGEM DE ALUNOS SURDOS: relato sobre a experiência de

uma professora da sala de informática. **In:** diálogos sobre inclusão escolar e ensino-aprendizagem da Libras e língua portuguesa como segunda língua para surdos. 2016. Acesso em: 28 de Junho de 2021.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. Planejamento estratégico. SãoPaulo: Atlas, 2007.

PERLIN, Gladis. O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade. Tese dedoutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

ROCHA, S. M. Memória e História: a indagação de Esmeralda. Petrópolis. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2010.

SASSAKI, R. K. As escolas inclusivas na opinião mundial. Disponível em: http://www.viverconsciente.com.br/exibe_artigo.asp?codigo=75&codigo_categoria#.YNnska9Khdg. Acesso em: 28 de Junho de 2021.